

André de Sousa Vieira

# “Bancos entrarão nesta crise melhor preparados no que toca a posições de capital e liquidez”

André de Sousa Vieira, novo sócio da Morais Leitão, esteve à conversa com a *Advocatus* e contou como está a ser a sua nova fase profissional, após nove anos ao serviço da Clifford Chance LLP. Para o advogado os bancos entrarão nesta crise talvez melhor preparados no que toca a posições de capital e liquidez.

Texto **FREDERICO PEDREIRA**

Fotografia **D.R. E HUGO AMARAL**

**I**ntegrou em fevereiro a equipa de sócios da Morais Leitão. Como está a ser o início desta nova fase profissional?

Com toda a sinceridade, não poderia ter sido mais bem recebido. Integrei uma equipa com um capital técnico e humano fantástico, com a qual me identifico e da qual é uma honra fazer parte. Vim com um caderno de encargos exigente: por um lado, colaboro com o departamento de bancário e financeiro, a minha área de eleição; por outro lado, assumo responsabilidades de gestão num projeto de internacionalização já com bases muito fortes. A conjuntura destes últimos seis meses tornou-o ainda mais desafiante, o que, longe de me assustar, só reforçou a minha determinação.

**Qual foi o principal fator que motivou a sua saída da Clifford Chance LLP, após nove anos a serviço da mesma, e a integração da sociedade portuguesa?**

Deixei o Porto há aproximadamente 20 anos com a certeza de que um dia iria

regressar. Tenho uma relação muito próxima com a minha família e sempre quis voltar a estar fisicamente perto.

A Clifford Chance foi, sem dúvida, uma das aventuras mais desafiantes da minha vida. Por isso a decisão não foi, de todo, fácil. Confesso ter estado, de alguma forma, anos a preparar-me e a ganhar coragem para o fazer. Mas acredito que há momentos nas nossas vidas em que devemos “forçar a roda a parar” para ganhar a destreza necessária para fazer uma introspeção objetiva e tomar as melhores decisões. De outra forma, correremos o risco, bastante frequente na sociedade acelerada contemporânea, de ir arrastando decisões até um ponto em que o retorno será difícil. E foi o que fiz. A Clifford Chance fará sempre parte do meu “ADN”, pelo que a sentirei sempre presente. Mas continuar a minha carreira profissional na Clifford Chance significaria continuar a prescindir dessa relação de presença diária com “os meus” e isso foi, sem dúvida, o fator determinante da minha decisão.



André de Sousa Vieira reforçou a equipa de sócios da Morais Leitão, em fevereiro. O advogado integrou o departamento de bancário e financeiro e o comité internacional.





ID: 89066301

31-10-2020

**Como foi a experiência de estar inserido num dos maiores escritórios de advogados do mundo, a multinacional britânica Clifford Chance LLP?**

A Clifford Chance foi a melhor escola que alguma vez poderia ter ambicionado. Cruzei-me com mentes brilhantes e sagazes que souberam, literalmente, “atirar-me aos leões” desde o primeiro dia e, em simultâneo, guiar-me em silêncio dotando-me das ferramentas - legais, organizativas, de gestão, multiculturais e pessoais - que fizeram de mim o advogado, e pessoa, que sou hoje.

Em paralelo às minhas funções no “Worldwide Projects Group” (onde tive a oportunidade de participar num leque vasto de operações financeiras internacionais com uma complexidade extremamente desafiante e motivadora – como, por exemplo, o financiamento do “Nord Stream Pipeline Project”), foram-me desde muito cedo atribuídos cargos de gestão relevantes, como a corresponsabilidade global pela prática e estratégia da Clifford Chance para Portugal e a África Lusófona, ou mesmo servir como ponto de contacto de Londres para o mercado LatAm. Estas responsabilidades adicionais permitiram-me estar envolvido na tomada de decisões estratégicas da sociedade e deram-me exposição global aos diversos escritórios da Clifford Chance. Foram experiências únicas que, naturalmente, me serão muito úteis agora ao serviço da Morais Leitão.

**Sente que em estruturas empresariais de grande dimensão, como a Clifford Chance LLP, a pressão, competitividade e exigência é maior?**

É uma pergunta à qual, sinceramente, não consigo responder com objetividade, dada a minha parca exposição ao mundo da advocacia portuguesa. Ainda assim, tenho vindo a aperceber-me da elevada sofisticação do mercado português, por exemplo em termos de inovação e complexidade das operações, ainda que, claro, com as devidas diferenças de escala.

Mas posso assegurar que a pressão e a competitividade eram matérias a que



a Clifford Chance dava especial atenção – pela positiva. Desde sempre éramos consciencializados de que a nossa profissão, e exercê-la na Clifford Chance em particular, era muito exigente e desgastante e que só estaríamos preparados para progredir se conseguíssemos adotar rapidamente uma gestão saudável do “barómetro da pressão” - i.e., aprender a direcionar a pressão diária em benefício de concentração, criatividade e motivação e não, como muitas vezes sucede, caindo na desmotivação e frustração. No fundo, saber trabalhar eficientemente em equipa, “dirigindo a orquestra” umas vezes e deixando que nos dirigissem noutras situações, não deixando que qualquer tipo de

competição (mesmo que às vezes aparentemente saudável) pudesse minar o resultado final e a qualidade do produto pretendido. Agora que penso nisso, são lições importantes para qualquer advogado, qualquer que seja o seu contexto. Aprendermos a ser resilientes e a manter uma atitude sempre positiva em momentos de pressão é crucial para qualquer advogado em qualquer escritório, independentemente da dimensão ou nacionalidade.

**Qual vai ser o seu contributo para a área de bancário e financeiro da Morais Leitão?**

O tempo ajudará a responder a essa pergunta de forma mais concreta. Aci-



O novo sócio perspetiva que daqui a 20 anos continue a ter a oportunidade de estar no projeto que a Morais Leitão representa.

ma de tudo, a minha ambição é poder contribuir ativamente, junto com os meus colegas, para que o departamento de bancário e financeiro da Morais Leitão não só mantenha mas reforce a sua posição de referência nos mercados lusófonos. Provavelmente, tendo em conta o meu perfil pessoal, mais do que experiência tenho realmente uma vocação internacional. E é essa mais-valia que trago, acrescentando ainda mais valor a uma equipa muito forte.

**Integrou também na sociedade um projeto de internacionalização. O que nos pode desvendar sobre este projeto?**

Por enquanto preferia manter algum mistério, mas posso dizer que é um projeto

extremamente desafiante para o qual me sinto bastante motivado e preparado.

**Ao longo dos anos tem acompanhado os mercados lusófonos. Comparando o estado atual com a realidade de há 10 anos, os mercados lusófonos evoluíram, estagnaram ou regrediram?**

Creio que não podemos falar da existência de um “mercado lusófono” de *per se*. Cada país lusófono é uma realidade diferente. Mesmo no seio do que chamamos “África Lusófona” não se pode, por exemplo, comparar Angola a Moçambique.

No entanto, falando de forma geral, arriscaria dizer que estes mercados evoluíram, regrediram e estagnaram, havendo agora sinais de que possam brevemente vir a recuperar (alguns mercados, aliás, já começaram timidamente a aumentar o volume de operações).

**Está inscrito nas ordens profissionais de Inglaterra e Países de Gales, Portugal e Espanha. Qual é o ordenamento jurídico que considera que é mais forte normativamente na área financeira e bancária? E porquê?**

A lei inglesa (a par da lei de Nova Iorque) é, claramente, a lei de eleição para as operações dos mercados financeiros internacionais. Esta preferência deve-se, em particular, à quantidade de precedentes judiciais existentes e à consistência e coerência dos tribunais ingleses. Acrescenta previsibilidade ao desenvolvimento legal das transações, um fator obviamente fundamental para o investimento.

**Qual será o impacto da pandemia Covid-19 no setor bancário e financeiro do país?**

Diria que o impacto é ainda incerto apesar de ser certo que, desde o início da crise pandémica, o comportamento dos bancos, no que diz respeito aos mercados financeiros de dívida e de capital, é equiparável ao que adotaram após a crise de crédito de 2008.

No entanto, precisamente devido às reformas implementadas após a referida crise de 2008, os bancos entrarão

nesta crise talvez melhor preparados no que toca a posições de capital e liquidez. Por outro lado, creio que as autoridades públicas também estão a atuar de forma mais rápida no apoio ao setor.

No entanto, entendo ser inevitável que a qualidade dos ativos se irá deteriorar nos próximos meses e, em consequência, que o setor seja negativamente afetado.

**Acredita que a economia portuguesa irá conseguir-se reerguer rapidamente?**

Reerguer sim, mas, infelizmente, não tão rapidamente como todos gostariam. A pandemia atual afetou dramaticamente a economia europeia, não deixando de fora a frágil economia do nosso país, que é tão dependente da europeia. Apesar das políticas de resposta a nível nacional e europeu, espera-se uma forte recessão este ano e a recuperação, tímida, projetada para 2021 dependerá de um leque de fatores incertos, possibilidade de uma segunda vaga de Covid-19, vacina, etc.. São tempos incertos, dependentes de uma avaliação quase diária.

**Quais são as suas perspetivas profissionais para daqui a 20 anos?**

Confesso não ser uma pessoa de pensar num futuro tão longínquo. Mas para não fugir à pergunta, diria que espero continuar a ter a oportunidade de estar no excelente projeto que a Morais Leitão representa. Mais velho, com toda a certeza, mas com a mesma determinação. ●

**"Apesar das políticas de resposta a nível nacional e europeu, espera-se uma forte recessão este ano e a recuperação, tímida, projetada para 2021 dependerá de um leque de fatores incertos."**



## 36

**ADVOGADO DO MÊS**

André de Sousa Vieira, novo sócio da Morais Leitão, esteve à conversa com a *Advocatus* e contou como está a ser a sua nova fase profissional, após nove anos ao serviço da Clifford Chance LLP. Para o advogado os bancos entrarão nesta crise talvez melhor preparados no que toca a posições de capital e liquidez.

